PÁSSAROS
FERIDOS

CONTO

GLÁUCIO IMADA TAMURA

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

PÁSSAROS
FERIDOS

CONTO

GLÁUCIO IMADA TAMURA

PÁSSAROS
FERIDOS

CONTO

GLÁUCIO IMADA TAMURA

Atenção!

Pode haver na narrativa deste livro; cenas de sexo explícito, conflitos familiares, palavras obscenas, etc. Caso você sinta alguma aversão a estes temas, o recomendável é não continuar...

Pássaros feridos

Tentando encontrar um parâmetro mais definido sobre os sentimentos da jovem Linda, relacionados ao seu casamento com Sílvio Agnaldo, pode se narrar os fatos baseados nas frustrações corriqueiras e comuns a toda hora, de todos os tamanhos e formas, objetivas no viver doméstico, ou subjetivo no sentir os sentimentos sempre a inundando por dentro em torrentes de arrependimentos carregados de culpas por causa do pecado; de acordo com o que diariamente ela ouvia do pregador no púlpito; o suor dele escorrendo o rosto aos berros, a bíblia entrincheirada na sua mão esquerda, enquanto na

outra, os dedos em riste apontados para uma congregação assustada, com os olhos vidrados no seu gesticular agitado, a voz do pastor ficando cada vez mais falhada, intercalada nos goles d'água, e rouca diante das mensagens, das normas e da doutrina sabiamente ensinada a favor do testemunho que dizia que um membro de igreja só poderia se relacionar com outro da mesma congregação.

E assim foi com a jovem Linda; pré-adolescente, visitando pela primeira vez a Igreja Genuína dos Filhos do Altíssimo, conduzida até ali por uma amiga da escola que havia narrado o próprio testemunho no intercalar das aulas, e que por bastante tempo ficou incrustado na sua alma de boa menina.

Aos treze anos de idade a jovem Linda já se sentia extremamente impotente diante do alcoolismo do pai truculento e sempre embriagado, que quando não estava em roda dos amigos bebendo ao varar da noite, ficava caído no chão molambento à porta do mesmo bar. Quando o salário recebido recheava o bolso do senhor Nivaldo, curiosamente uma amnésia temporária o acometia, fazendo-o se esquecer dos compromissos que tinha em forma de faturas, cobranças ao pé da porta, e até o pagamento do leiteiro era postergado diante da sua fidelidade aos prostíbulos da região.

Nesses respeitosos ambientes, o pai da jovem Linda desaparecia por vários dias seguidos, às vezes ele faltava alguns compromissos, pois enquanto o fruto da sua labuta mensal de cobrador de ônibus não evaporava em forma de singelos sorrisos nos rostos das incansáveis operárias, o pai não retornava pra casa.

Dessa forma eram rotineiras as contendas com a esposa frequentemente abandonada diante das responsabilidades de casa, testemunhando a filha comprometer seu futuro na diluição emocional que absorvia grande parte de sua energia mental frente aos estudos, sem contar as cobranças conjugais aos gritos, as ameaças de separação repetitiva, e os julgamentos simultâneos de atos certos e errados adentrando madrugada a fora.

Assim todo esse emaranhado sufocante, palpitante no peito já amargurado de anos, pouco a pouco convenceu a jovem Linda que, dedicar mais tempo esfolando os joelhos em oração seria bem mais proveitoso do que ficar ao pé da porta, fibrilando

tentativas e pulsões de interferir nas brigas.

Em primeiro lugar a jovem Linda se firmou na igreja, depois sua mãe começou a acompanhá-la aos finais de semana, e em seguida, um bom tempo depois, o pai começou a frequentar as reuniões.

E com a frequência nos cultos e conforme o peso das nádegas sobre o assento ia delineando um ouvir cada vez mais sensível às sutilezas apreendidas nas mensagens do evangelho, o coração familiar foi se pacificando aos poucos, acalmando-se da torrente nervosa no sentir com desprezo o outro, principalmente diante dos ódios gratuitos estimulados pelo alto teor alcoólico circulando nas veias o poder destruidor dos consentimentos que outrora foram construídos em meio a raríssimos diálogos conscientes.

Agora todo esse emaranhado febril tratado ruía dia após dia num desmoronamento prazeroso, e não sutilmente apresentado como o testemunho vivo no meio de uma congregação cada vez mais ávida por experiências genuínas do poder de Deus evocadas pela voz do pastor: estimulando todos para o bem comum, convergindo desta forma todo e qualquer jugo desigual, seja na esfera da mente ou na emocional; em atitudes convidativas, benignas de se sentir até nas entranhas, ou apelativas o suficiente para atrair sempre mais gente disposta a propagandear a sua religião.

Desta forma, com o passar dos meses, de fato a jovem Linda procurou se ocupar cada vez mais nas atividades demandadas pela congregação.

Por exemplo: na organização do voluntariado responsável pela evangelização que percorria os bairros, realizando telefonemas para os irmãos desviados, e até na procura insistente, indo atrás de alguma estrela eminente: seja um cantor famoso, um pregador em ascendência, ou mesmo alguém — ainda que desconhecido — que possuía um testemunho forte o suficientemente para apertar um pouquinho mais a coleira invisível enlaçando o pescoço de cada um dos fiéis.

Sem contar o que já foi dito, a jovem Linda ainda era a responsável pelo abastecimento do púlpito com a água, com as canetas e os papéis para a realização dos pedidos, no recolhimento das ofertas, dos dízimos, pela organização das

mesas e cadeiras após o culto e, — na ausência de outros voluntários na noite — a limpeza geral do salão até o horário que antecedia o apagar das luzes.

Para trás ficaram as brincadeiras de rua tumultuadas pela garotada correndo soltas às gargalhadas, findaram as festinhas com os amigos e as confidências apaixonadas, e a partir de então a jovem Linda redirecionava ao presbitério todas as perguntas existenciais que antes direcionava apenas aos pais.

Mas com o passar do tempo ela começou a sentir incômodos rotineiros que aos poucos começaram a somatizar alergias diversas pelo seu corpo inteiro, por fim gerando uma angústia de ser que nenhum remédio receitado ou tampouco a mais potente oração em forma de jejum davam algum jeito.

O pastor a orientava:

“Pra Deus te ouvir, minha filha, você precisa se consagrar mais”.

Mas esse quadro só começou a mudar quando certa noite a jovem Linda viu Sílvio Agnaldo — um rapaz novo, aparentando não ter mais do que dezessete anos de idade — adentrando a igreja com todas as recomendações dos irmãos da igreja da cidade de São Paulo.

Assim que o pregador da noite apontou no púlpito, Sílvio Agnaldo se ajeitou no assento, a bíblia a tiracolo, e logo em seguida se sequestrou nas orações, na eloquência da voz do pregador, guardando no coração tudo que o pastor fazia e que consequentemente mais arrancava gritos de glórias e aleluias lá do meio da sua congregação.

Depois, dentro da bíblia, — por assim dizer — contendo folhas soltas e as bordas arregaçadas; o rosto do garoto perdeu-se em meio às páginas à procura de pequenos espaços em branco, ou livres o suficiente para acomodar as brilhantes anotações de saber outrora ouvidas do púlpito, passando a rabiscá-las freneticamente com alguma de suas canetinhas coloridas a encher-lhe o bolso.

Na época, bem que os irmãos da igreja profetizaram...

"Esse jovenzinho será um grande homem de Deus!".

...e também acertaram.

Por outro lado ouvir uma consideração tão importante assim fascinava cada vez mais a garota que a partir daí ficou atenta a tudo que relatavam sobre ele, logo a convencendo que ambos, com toda a certeza do mundo, despontariam diante do presbitério como sendo um casal ímpar para a Obra de Deus.

Daí intensificou as súplicas repentinas, as orações ao varar da madrugada, sem falar nas consagrações em jejuns que se estendiam por dias sem fim. Resultado: anos depois eles se casaram com todas as pompas da mesma igreja que anos atrás havia profetizado este ato profético.

Entretanto, logo na lua que se esperava ser de mel, o já então nomeado pastor auxiliar Sílvio Agnaldo martelou um tipo de modelo de proposta conjugal que acabou sendo apenas o prelúdio da história que os acompanharia pelos anos seguintes.

— Amada esposa, em consagração ao meu ministério pastoral o correto é que fiquemos sem nos tocar pelo menos por uns noventa dias — Ele disse.

E a senhora Linda; pensando já estar livre de antigos tormentos, feliz e anestesiada pelos acontecimentos que passaram a ocupar todos os espaços dos seus pensamentos recentes; acabou aceitando tudo que ouviu com um olhar carregado de tal simplicidade que acabou por selar no coração do marido, a certeza que a varoa de Deus que agora estava posta ao seu lado, tinha entrado na sua vida, principalmente, para favorecê-lo no ministério.

Agindo assim no início e impressionada apenas com o brilho do anel que agora fora trocado de mão, a senhora Linda acabou se esquecendo de si e das necessidades de menina mulher; pois apesar de ficar propagandeando aparências de felicidades na alma, por trás de todo aquele aparato religioso, eclesiástico, servil no viver a vida buscando um nível cada vez mais alto de santidade, nos recônditos de sua feminilidade ainda resistia uma fêmea insaciável, adormecida de outras épocas, e que em noites mais febris, quando o invólucro do pudor é rompido e quando os diques dos desejos se entornam

para mais, ela ressurgiria arruinando o chão das sexualidades que não foram correspondidas, expondo dessa forma: a sujeira, a imundícia, e as superficialidades construídas dentro de um modelo de conjugalidade que supervalorizou a castidade e a religião, mas que desprezava por completo as singularidades de um viver comum a dois.

A maior prova disso aconteceu certa noite. O pastor Sílvio Agnaldo pregava com voz bem firme lá no púlpito:

— Quero que prestem muita atenção, minhas irmãs, — ele disse pras mulheres — tudo que o seu marido vier a necessitar, em Deus, procure ser fiel a ele. — Em seguida, ele cerrou a face, só que desta vez mirou os homens — E para os irmãos desta igreja o mandamento de Deus permanece o mesmo, ou seja, em tudo o que sua esposa vier a necessitar, procure ser fiel a ela. Amém?!

E todos responderam entoando um "amém!" bem sincero. Já em casa: quanta tortura! Pois assim que o pastor sentia a aproximação da mulher vindo resfolegante, ele logo tratava de castrá-la dando-lhe respostas acompanhadas de uma face cerrada, depois a reprimindo com chantagens corroboradas de versículos bíblicos invertidos e utilizados a favor da sexualidade já condenada, principalmente nos encarceramentos que outrora a cercava com todo o respeito de um amigo, mas que a cuidava pura e simplesmente como o objeto do seu não desejo.

***

No entanto, tirando a pauta do não me toque, — no início — bem que a vida doméstica do santo casal era uma maravilha! Afinal, de todos os quesitos que um bom marido deveria de ter, boa parte deles estava impregnado no currículo quase perfeito do pastor Sílvio Agnaldo.

Pois atento às necessidades da sua igreja, como também com seus olhos sempre voltados para as necessidades dentro de casa, de fato o pastor nunca permitiu que a esposa, — quando se sentia indisposta — se excedesse em assuntos do lar.

Se necessário, era o pastor mesmo quem cuidava dos afazeres domésticos: desde a limpeza e manutenção dos ambientes da casa, o cuidado com as roupas e outros tecidos

que semanalmente ia pra lavadora, sem contar às obrigações que exigiam algum tipo de locomoção. Por exemplo: as compras em supermercados, indo a feiras livres à procura de frutas e verduras sempre frescas, sem deixar de mencionar as longas filas a perder de vista que deixava o pastor de pé por horas, ou até que os boletos relacionados à prestação de algum serviço essencial em casa estivessem todos quitados.

***

Para encurtar as idas e vindas até a igreja, a residência do casal localizava-se num bairro vizinho a Campo Lindo. A construção simples, erigida nos fundos de um terreno de pouco mais de duzentos metros quadrados, era mais empoderada por causa do verde que ocupava quase toda a área frontal da habitação: um jardim todo bordeado por pingos de ouro, e próximo ao portão; cicas gorduchas em um constante desabrochar de folhas esverdeadas. Sem falar nos cactos entremeio aos fragmentos de rochas, das espadas de São Jorge sempre amostras, do fícus, da pacova, das patas de elefante, e das flores de todos os tipos e cores.

Apesar de a construção ser bem modesta, a limpeza sempre constante redundava nela um ar mais respirável, mais louvável, mais receptivo ao imóvel delimitado por casas sem qualquer cuidado. Casas com pinturas de anos a refazer, sem muros, outras com o telhado ameaçando desabar, e sobre suas calçadas; um mal cheiro insuportável vazando das sacolinhas dilaceradas pelos cachorros atraídos por restos de comida.

***

Houve uma noite que a senhora Linda se sentiu muito solitária. Pois nada que fez durante o dia a preencheu por completo.

— Vou ler a bíblia pra me animar — ela disse — nada melhor que ouvir a palavra de Deus para me consolar.

Depois disto a senhora Linda posicionou a luz do abajur rente ao rosto, e se esparramou por completo sobre o leito largo, de fato nunca antes utilizado. Com a palma da mão sustentando o peso do livro, e com o dedo indicador posicionando-se no título estampado no alto da folha, ela

começou a ler desde o princípio, mas em seguida se entediou ao atravessar os longos capítulos.

— Há uma passagem que eu amo tanto! — ela lembrou — Aonde será que ela está?

Nisso ela foi pulando versículos, saltitando as palavras, até que enfim encontrou a tal passagem bíblica que mais adorava. Durante a leitura ela ficou assim: o rosto debruçado sobre a bíblia, seus olhos mergulhados na parte grifada, e enquanto passeava o dedo no papel, devagarinho ela ia recitando palavra após palavra:

— Oh, amado da minha alma... Dize-me, oh tu, a quem ama a minha alma: onde apascentas o teu rebanho, ondes o recolhes pelo meio dia?

Por longos minutos a senhora Linda soletrou letra a letra, a seguir entoou as palavras buscando uma sonoridade mais adocicada, só que um tempo depois, sem que percebesse foi arrebatada por um calor intempestivo que de início acalentou apenas a maçã do seu rosto, para em seguida se alastrar por completo, devorando todo o seu corpo.

"Ah..."

Depois, já totalmente imersa num fluxo de transgressões religiosas não mais reconsideradas, logo lembranças da sua juventude vieram à tona de uma vez, metamorfoseando-se em seguida em sensações tão viris, tão reais, ao ponto dela mesmo sentir os pelos do seu corpo inteiro arrepiar. Daí, uma pausa para a respiração e...

"Ah..."

...logo suas mãos se encontraram debaixo da saia; seus olhos cerrados, seus pensamentos já enclausurados, e todo aquele peso em seu peito sufocado pelos anos áridos encontraram enfim uma oportunidade única de se diluir em meio à liberdade sexual que — após expurgar qualquer resquício de pudor religioso ainda impregnado em sua alma — desaguou por completo, — com extrema violência — a essência de mulher que deveria ter explodido em sua vida.

Ah... Meu Deus!

Depois disto, foram anos assim. E após outros tantos, aquela sensação de transgredir leis divinas já não a molestava como foi no início. Esparramada sobre a cama, o corpo nu e inerte, inundado pelo deleite decorrente do abandono das fagulhas não mais eletrificadas, o que pairava após o frenesi eram apenas as nuvens descarregadas, sublimando seus pensamentos pós-prazer.

Deveras, após tanto ela buscar o diálogo, também colecionar noites de choro carregadas de ânsias sem fim; por fim estabeleceram-se violentas brigas entre o casal, e que de fato nunca mais os abandonaram. A pior destas brigas ocorreu certa noite. O pastor Sílvio Agnaldo tinha acabado de chegar de mais um de seus maravilhosos cultos. O problema foi que chegou sorrindo. Feliz da vida.

— PELO AMOR DE DEUS, SÍLVIO! AINDA NÃO VÊ QUE O NOSSO CASAMENTO NÃO PASSA DE UMA TREMENDA FARSA DE MERDA?! — berrou a senhora Linda pra ele.

A seguir ela emitiu outras ofensas até bem piores que esta, mais dolorosas talvez, em uma de suas muitas tentativas desesperadas de encontrar alguma luz, alguma solução, ou mesmo qualquer válida saída diante da decadente corrosão conjugal que os acometia.

Pra piorar não demorou. Logo suas ofensas verbais se converteram numa agressividade que também ficou recíproca, recheada com empurrões, tapas e pontapés que, engrossando cada vez mais o clima já pesado dentro do lar, era ouvida por uma vizinhança confusa nas decisões a tomar, e que não sabendo discernir se a gritaria em questão era briga conjugal ou oração forte para destronar o mal; ninguém vinha acudir, tampouco ligavam para a polícia.

Por fim, como o santo casal não encontrava nem meio termo entre os diálogos que se tornavam cada vez mais raros, implantou-se um silêncio ensurdecedor entre os dois que só era rompido, quando na presença de algum conhecido, ambos dissimulavam intimidades, afetos fingidos, e outros enganos diabolicamente sobrevindos de ginásticas laborais tremendas para, pelo menos, continuarem mantendo as gloriosas

aparências espirituais.

***

Conheça outras obras do autor:

- Mundos opostos
- Noite escura
- Quarto de motel
- Previsões para o amor
- Metamorfose

Siga o autor no Instagram: @glaucio_escritor

1. Pássaros Feridos
    1. Pássaros Feridos